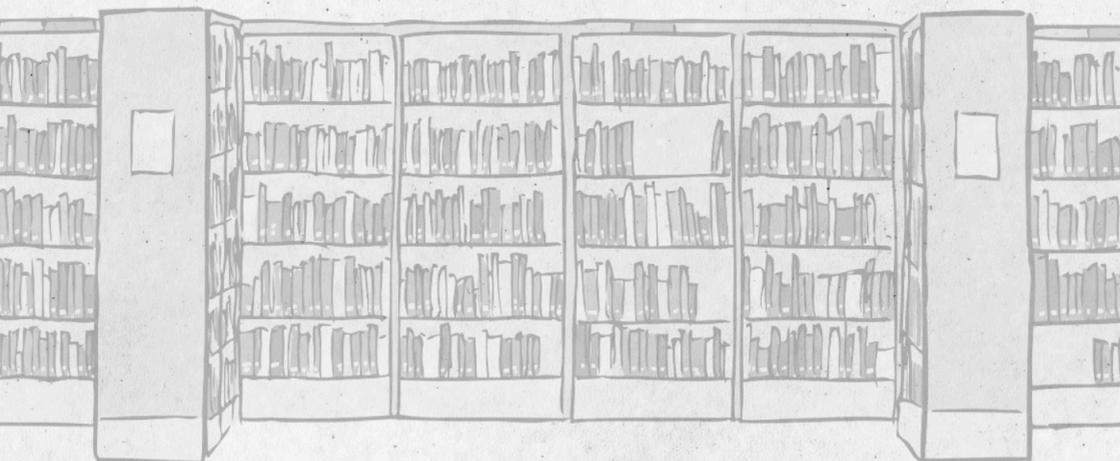


Caderno de
Resumos

2025

15^A JORNADA
DISCENTE

PPGJOR | UFSC | 2025



PPG
JOR 15
UFSC ANOS

ISSN 2526-1231

Reitor
Irineu Manoel de Souza

Pró-Reitor de Pós-Graduação
Werner Kraus Junior

Diretor do CCE
Sergio Romanelli

Vice-Diretor do CCE
Rodrigo Acosta Pereira

Chefe do Departamento de Jornalismo
Aureo Mafra de Moraes

Coordenador do PPGJOR
Carlos Augusto Locatelli

Subcoordenadora do PPGJOR
Fabiana Quatrin Piccinin



Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (PPGJOR)
Campus Universitário, Trindade
CEP 88040-980 - Florianópolis - SC
+55 (48) 3721-9463 - www.ppgjor.posgrad.ufsc.br



15 ^A JORNADA
DISCENTE

PPGJOR | UFSC | 2025

COMISSÃO ORGANIZADORA

Coordenação Geral:

Renatha Maria Giordani

Rubens Lopes

Carlos Locatelli

Fabiana Quatrin Piccinin

Comissões:

Programação: Raphaela Ferro (presidente)

Ana Luiza Duarte (vice-presidente), Leandra Cruber Teixeira, Luísa Michels Surdi, Luis David Padilha, Maria Clara Moura, Patrícia Hadlich Aquino, Sebastião Clovis Brito do Nascimento Junior

Caderno de resumos: Stefanie Machado (presidente)

Gessiel Nascimento da Silva (vice-presidente), Adana Augusta Lopes Brum, Caroline Westerkamp Costa, Luiza Zanotti Moro, Ricardo Alves Chaves Pereira

Identidade visual: Joana Helena Kraemer (presidente)

Matheus Lobo Pismel (vice-presidente), Marcella Borba da Silva

Certificados: Jaine Araújo (presidente)

Luiz Henrique Zart (vice-presidente), Diana Mannes Koch, Gabriela Bregolin Grillo

Divulgação: Anderson Luiz Condor Baltar (presidente)

Eduardo Iarek (vice-presidente), Giovanni de Sousa Vellozo, Karin Konzen Franco, Lara Hinkel

Logística e Cerimonial: Francilene de Oliveira Silva (presidente)

Jamila Fernanda Carvalho Lima (vice-presidente), Ivone Rocha, Leopoldo Pedro Neto, Lucas Cabral, Marcelo de Franceschi, Mariela Cancelier, Schirlei Alexandre Alves, Thais Araujo de Freitas, Wagner Rodrigo Arratia Concha

Fotografia: Anderson José da Costa Coelho (presidente)

Yaskara Ferreira Pinto (vice-presidente), Joana Helena Kraemer

Diagramação:

Luiza Zanotti e Stefanie Machado

Projeto Gráfico:

Luiza Zanotti e Stefanie Machado (redesign sobre projeto original de Frederico S. M. de Carvalho)

Capa:

Stefanie Machado

Logotipo original da Jornada Discente:

Frederico S. M. de Carvalho

Logotipo dos 15 anos do PPGJOR:

Ana Marta M. Flores

Revisão final:

Adana Augusta Lopes Brum, Caroline Westerkamp Costa, Gessiela Nascimento da Silva, Luiza Zanotti Moro, Ricardo Alves Chaves Pereira, Stefanie Machado

SUMÁRIO

Apresentação	7
Programação 2025	9
Mesa 1: Conhecimento e Profissão	12
Mesa 2: Tecnologias, Linguagens e Inovação	24
Mesa 3: Cultura e Sociedade	40

APRESENTAÇÃO

A 15ª Jornada Discente do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGJOR/UFSC) foi realizada entre os dias 27 e 29 de maio de 2025, no primeiro semestre letivo. A mudança no período ocorreu após deliberação em assembleia geral, que discutiu a reformulação do formato da Jornada. A edição deste ano foi chamada de “Jornada de Transição” por expressar uma fase de readequação do evento discente, também, como parte de um processo em constante transformação no âmbito da universidade pública e de um programa de pós-graduação voltado ao estudo do Jornalismo.

A Jornada é um espaço de encontro e apresentação das pesquisas em andamento no PPGJOR/UFSC. Nesta edição, o tema central foi “O Cenário Nacional da Pós-Graduação e a Pesquisa em Jornalismo”. A programação teve início com uma atividade sobre “Saúde Mental na Pós-Graduação”, conduzida por Lucas Emmanoel de Oliveira. A proposta foi refletir sobre os cuidados com a saúde mental durante o percurso acadêmico.

A escolha do tema principal da Jornada “O cenário nacional da Pós-Graduação e a pesquisa em Jornalismo” partiu de discussões coletivas entre os discentes, motivadas por inquietações quanto às recentes diretrizes divulgadas pela Capes para os programas de pós-graduação. Entre os pontos debatidos, destacam-se as mudanças nos critérios de avaliação de programas, periódicos e publicações, bem como o contexto de desvalorização do conhecimento científico. Observamos com preocupação os ataques recorrentes às universidades públicas e, em especial, às ciências humanas e sociais aplicadas, alvos frequentes

de discursos que deslegitimam o pensamento crítico e a produção científica.

A mesa de abertura, mediada pelo professor Eduardo Meditsch, contou com a presença de Jacques Mick (pró-reitor de Pesquisa e Inovação), Leslie Chaves (pró-reitora de Ações Afirmativas e Equidade) e Werner Kraus Junior (pró-reitor de Pós-Graduação), que debateram o panorama atual da pós-graduação no Brasil. Na parte da tarde, ocorreu a mesa “Conhecimento e Profissão”, com apresentação de pesquisas desenvolvidas no PPGJOR que abordam os desafios enfrentados por profissionais do jornalismo.

Outro destaque da programação foi a palestra “Jornalistas em aliança – Tecendo redes de proteção e resistência na formulação de uma perspectiva de gênero transnacional”, apresentada pela professora Jéssica Gustafson e mediada pela professora Daiane Bertasso. Na ocasião, foi também lançado o livro homônimo, publicado pela Editora Insular. Ainda neste dia, discentes apresentaram pesquisas na mesa sobre Tecnologias, Linguagens e Inovação.

O último dia da Jornada contou com a mesa “Cultura e Sociedade”, mediada pela professora Isabel Colucci, e apresentações de trabalhos. Também foi realizada a Assembleia Geral de Discentes, dedicada à discussão e deliberação sobre um novo regimento e à proposta de um novo formato para as próximas edições da Jornada Discente. O encerramento ficou por conta da confraternização “Jornadafest”, com o tradicional Linguição do Dalton.

A Jornada reafirmou o compromisso das pesquisadoras e pesquisadores do PPGJOR com os desafios comunicacionais e culturais contemporâneos e com a produção de conhecimento crítico. Este Caderno de Resumos reúne parte significativa dessa produção. Desejamos uma leitura proveitosa, que contribua para fortalecer o jornalismo como campo de saber.

Boa leitura!

Renatha Maria Giordani
Rubens Lopes

Comissão Geral de Organização da 15ª Jornada Discente do PPGJOR-UFSC

PROGRAMAÇÃO 2025

PALESTRA DE ABERTURA

Jacques Mick

Pró-Reitor de Pesquisa e Inovação

Leslie Chaves

Pró-Reitora de Ações Afirmativas e Equidade

Werner Kraus Junior

Pró-Reitor de Pós-Graduação

○ CENÁRIO NACIONAL DA PÓS-GRADUAÇÃO E A **PESQUISA EM JORNALISMO**

27 de maio | 9h30

Mediação: Prof. Eduardo Meditsch

CONHECIMENTO E PROFISSÃO MESA 1

27 de maio | 14h às 17h

Mediação: **Andressa Kikuti**

Local: Auditório Elke Hering (BU/UFSC)

Karine Tavares Nunes

O Acontecimento Jornalístico e as Disputas Ideológicas nas Narrativas da Cop 30 na Amazônia

Leandra Cruber

Paixão e exaustão: os sentidos da manutenção do ethos romântico do jornalismo

Luísa Michels Surdi

Jornalismo e aceleração: fundamentos para uma Teoria Social do Tempo no Jornalismo

Schirlei Alves

Jornalismo e trauma: efeitos da entrevista em vítimas de violência

TECNOLOGIAS, LINGUAGENS E INOVAÇÃO MESA 2

28 de maio | 14h às 17h

Mediação: **Beatriz Marocco**

Local: Auditório Elke Hering (BU/UFSC)

Adana Lopes

Amazônia em rede: o uso de IA para a informação ou a desinformação

Lara Hinkel

Cobertura da tragédia climática do RS no TikTok: análise do GI, Folha e GZH

Luiza Zanotti Moro

O jornalismo local nas rádios CBN Floripa e Jovem Pan News após a migração AM-FM

Maria Clara Moura

Jornalismo, narrativas e plataformas: a hibridização do canal DiaTV, no YouTube

Stefanie Machado

Jornalismo literário sonoro: uma análise narrativa do Rádio Novelo Apresenta

CULTURA E SOCIEDADE

MESA 3

29 de maio | 9h às 12h

Mediação: Isabel Colucci

Local: Auditório Elke Hering (BU/UFSC)

Joana Helena Kraemer

Direitos Humanos e Jornalismo de Periferia: narrativas para a transformação social

Luiz Henrique Zart

Jornalismo e futebol em paradoxo: contradições da pequena área da imprensa brasileira

Rubens Lopes

O fotojornalismo como testemunha na construção narrativa da memória visual

Sebastião Clovis Brito do Nascimento Junior

A materialidade do discurso urbano: o jornalismo lendo a cidade através do rap



CONHECIMENTO E PROFISSÃO

**O Acontecimento no Jornalismo e as Disputas
Narrativas da COP 30 na Amazônia** 13
– Karine Tavares Nunes

**Paixão e exaustão: os sentidos da manutenção
do ethos romântico do jornalismo** 15
– Leandra Cruber

**Jornalismo e aceleração: fundamentos para uma
Teoria Social do Tempo no Jornalismo** 18
– Luísa Michels Surdi

**Jornalismo e trauma: efeitos da entrevista em
vítimas de violência** 21
– Schirlei Alves

O Acontecimento no Jornalismo e as Disputas Narrativas da COP 30 na Amazônia

Karine Tavares Nunes · Doutorado

Orientador: Prof. Dr. Samuel Pantoja Lima
Linha de Pesquisa: Conhecimento e Profissão

Palavras-chave: Jornalismo; acontecimento; narrativa; COP 30; Amazônia.

Eldorado, pulmão do mundo, patrimônio global, paraíso exótico, povos primitivos e isolados. São essas as imagens que caracterizam a representação da Amazônia na imprensa e na agenda pública nacional. Entre estereótipos, invisibilidade e colonialidade (Costa, 2022), as narrativas sobre a região refletem históricos de invasão territorial e violência contra as populações locais, aspectos que ainda repercutem na contemporaneidade. Assim, a cobertura midiática da Amazônia tende à superficialidade, reproduzindo concepções equivocadas e hegemônicas.

Em contrapartida, o jornalismo contra-hegemônico que emerge na própria região busca confrontar esse imaginário que retoma às histórias das expedições coloniais (Pereira, 2023). Nessa conjuntura, disputas narrativas se intensificam em torno de temas como desmatamento, queimadas, acordos internacionais, e a luta indígena por território.

A Conferência das Partes (COP 30), que ocorrerá em 2025 pela primeira vez no Brasil, com sede em Belém (PA), insere novamente a Amazônia no centro dos debates climáticos globais. O evento não só evidencia a urgência ambiental a nível global, como também mobiliza pautas sociais e comunicacionais locais, fortalecendo iniciativas de comunicação alternativa. Nesse contexto, o conceito de acontecimento jornalístico, entendido

como processo ideológico de construção da notícia, constitui a base central da pesquisa.

Parte-se da hipótese de que a cobertura jornalística da COP 30 poderá seguir dois sentidos: alinhar-se às narrativas hegemônicas de grupos políticos e econômicos ou adotar uma abordagem contra-hegemônica, crítica às ideologias dominantes. Este estudo se debruça sobre essa dualidade na construção das notícias.

Como objetivo geral, busca-se compreender o papel do acontecimento jornalístico na construção das notícias sobre a COP 30, evidenciando os interesses de poder que as orientam. Especificamente, pretende-se: analisar as notícias sobre a COP 30, identificando disputas narrativas; identificar os atores sociais e temas centrais da cobertura; e compreender como esses acontecimentos refletem interesses dominantes no contexto amazônico.

Para isso, a pesquisa adota a Análise Crítica da Narrativa (Motta, 2013) como abordagem teórico-metodológica, permitindo uma leitura pragmática das histórias, conflitos e personagens veiculados na imprensa. Com foco no jornalismo e na Amazônia, espera-se contribuir para a compreensão do acontecimento jornalístico na construção ideológica das narrativas sobre a região, além de, socialmente, fomentar uma reflexão crítica sobre a forma como a Amazônia é reportada na mídia.

Referências

COSTA, V. M. T. **À sombra da floresta**: a Amazônia no jornalismo de televisão. 1. ed. Belém: Paka-Tatu, 2022.

MOTTA, L. G. **Análise Crítica da Narrativa**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013. 254 p.

PEREIRA, J. Desinformação na Amazônia retoma imaginário colonial sobre a floresta e os povos indígenas. **InfoAmazônia**, [s. l.], 12 abr. 2023. Disponível em: <https://infoamazonia.org/2023/04/12/desinformacao-na-amazonia-retoma-imaginario-colonial-sobre-a-floresta-e-os-povos-indigenas/>. Acesso em: 29 abr. 2025.

Paixão e exaustão: os sentidos da manutenção do *ethos* romântico do jornalismo

Leandra Cruber · Doutorado

Orientador: Prof. Dr. Samuel Pantoja Lima
Linha de Pesquisa: Conhecimento e Profissão

Palavras-chave: *ethos* romântico; identidade profissional; trabalho jornalístico.

O campo jornalístico possui um conjunto de disposições e valores que compõem o chamado *ethos* da profissão (Traquina, 2002). E, de modo geral, jornalistas partilham desses valores. Uma dessas características é a paixão pela prática profissional, ou seja, pelo “fazer jornalismo”. Essa passionalidade está constantemente presente em relatos de estudantes ou de profissionais que atuam ou já atuaram dentro da mídia (Lago, 2003).

Quando analisou textos e *papers*, Lago identificou na fala e nos escritos de jornalistas “a presença de um “algo” romântico junto ao jornalismo (...) que são produzidos sobre o significado de ser/exercer o jornalismo” (2003, p. 2).

Compartilhado por diversos agentes, mesmo que de forma não homogênea, esse *ethos* contrapõe-se a outras disposições que condicionam o exercício jornalístico à hegemônica lógica do mercado. Sendo relacionado à defesa apaixonada do exercício da profissão relacionada a atos de heroísmo, uma missão transformadora.

Esse *ethos* dissemina-se pelo campo jornalístico e pode ser identificado primeiramente por oferecer resistência a um sistema extremamente racionalizado, burocratizado [...] o exercício profissional é uma missão rodeada de virtudes em direção ao bem comum [...] Sua missão e seu vínculo com a verdade devem ser exercidos em nome do povo, este ente idealizado que passa a confundir-se com o público leitor/receptor (Lago, 2003, p. 5).

Segundo Pulitzer (2009), a paixão, assim como demais ideais, são discutidos desde a formação profissional de jornalistas. Mais tarde, como em produtos midiáticos que falam de si mesmo (Bertasso, 2014), no dia a dia de trabalho, em mesas de bares, a paixão segue sendo presente e partilhada. Característica que, para Lago (2003), pode ser entendida como *ethos romântico*.

No entanto, entende-se, também, que tais visões apaixonadas são opostas às atuais condições do mercado de trabalho no Brasil, consideradas precárias (Barros; Nicoletti; Lima, 2023).

Como consequência desse cenário, o *ethos romântico*, ainda que siga reforçando valores missionários e de transformações, contraditórios à prática profissional condicionada pelas empresas jornalísticas, não pode ser ignorado e entendido como uma manifestação intrínseca à profissão.

Nesse sentido, entende-se que, ainda que os próprios profissionais adotem um discurso passional em relação ao trabalho, como já postulado, mapeamentos como *Perfil dos jornalistas brasileiros* (Mick; Lima, 2013) e pesquisas sobre qualidade de vida de jornalistas (Bulhões; Renault, 2016) trazem importantes indicativos que tornam possível tensionar as condições de trabalho dos jornalistas e o *ethos romântico* da profissão.

Para tanto, propõe-se o seguinte problema: tendo em vista a precarização do trabalho jornalístico, intensificada no período pós-industrial, quais são os sentidos encontrados por jornalistas para que ocorra a manutenção do *ethos romântico* da profissão?

Assim, o objetivo da pesquisa é investigar quais são os sentidos da manutenção de um *ethos romântico* da profissão em um cenário de acirramento das desigualdades e precariedades.

Para alcançar o objetivo geral, inicialmente, são três os objetivos específicos do estudo: o primeiro deles, conhecer as trajetórias profissionais e as percepções sobre o trabalho jornalístico de profissionais que atuam ou já atuaram em veículos de mídia jornalística do país; assim como, identificar marcas do *ethos romântico* que é construído sobre a profissão e o trabalho; e, finalmente; atualizar as discussões sobre o *ethos romântico* do jornalismo frente às mudanças no mercado de

trabalho. Logo, propõe-se como método a adoção de entrevistas em profundidade (Duarte, 2005) com jornalistas que atuam ou já atuaram em redações.

Referências

BERTASSO, D. **Jornalismo de revista e ethos discursivo**: as imagens de si nas capas e nos editoriais de Veja, Época, IstoÉ e CartaCapital. 2014. 170 p. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação) - Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

BULHÕES, J.; RENAULT, D. A precarização da prática jornalística: uma revisão bibliográfica sobre o impacto das condições de trabalho na saúde e qualidade de vida do jornalista. **Parágrafo**, v. 4, n. 2, p. 164-175, 2016.

DUARTE, J. Entrevista em Profundidade. In: DUARTE, J.; BARROS, A. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2006. p 62-82.

LAGO, C. De romântico e de louco... reflexões sobre o romantismo jornalístico. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 12., 2003, Recife. **Anais** [...]. São Paulo: Compós, 2003.

MICK, J.; LIMA, S. **Perfil do jornalista brasileiro**: características demográficas, políticas e do trabalho jornalístico em 2012. Florianópolis: Insular, 2013.

PULITZER, J. **A escola de jornalismo**: a opinião pública. Florianópolis: Insular, 2009.

TRAQUINA, N. **Jornalismo**. Lisboa: Quimera, 2002.

Jornalismo e aceleração: fundamentos para uma Teoria Social do Tempo no Jornalismo

Luísa Michels Surdi · Mestrado

Orientador: Prof. Dr. Jacques Mick

Linha de Pesquisa: Conhecimento e Profissão

Palavras-chave: aceleração social; Jornalismo; tempo social.

Este trabalho se debruça sobre a relação entre jornalismo e tempo, partindo do entendimento de que o jornalismo opera em múltiplas temporalidades e de que essas temporalidades se entrelaçam às muitas camadas do tempo social. Retomando marcos históricos — da imprensa manuscrita do século XVII às transformações trazidas pelo rádio, pela televisão e pela internet —, o estudo observa como a aceleração dos meios de comunicação alterou sentidos de brevidade, instantaneidade e simultaneidade, impondo novos ritmos ao fazer jornalístico e à experiência coletiva do tempo.

A relação entre o jornalismo e as dinâmicas temporais da sociedade contemporânea é ressignificada pelas transformações tecnológicas e sociais. Desde o surgimento da imprensa, o jornalismo se adapta às mudanças exigidas pelo aumento da velocidade de produção e disseminação de informações, motivado pelo incremento tecnológico, citado por Rosa (2019) como uma das marcas da Modernidade, e aos diferentes contextos culturais, econômicos e sociais que definem as experiências temporais dos indivíduos.

Na Modernidade, caracterizada pela aceleração social (Rosa, 2019), as temporalidades jornalísticas passam a dialogar com as diferentes temporalidades dos públicos. O ambiente digital,

ao oferecer atualizações instantâneas e contínuas, impõe uma velocidade cada vez maior no fazer jornalístico, dificultando a conexão entre os eventos e a constituição de uma narrativa coerente e, por consequência, afeta o senso coletivo de temporalidade que o jornalismo proporciona ao localizar as narrativas no presente (Ramos; Hoewell, 2021).

Compreender as temporalidades jornalísticas requer atenção às interações entre os tempos próprios do jornalismo e as temporalidades amplas que moldam a experiência social (Keightley; Downey, 2018). Essa relação é fundamental pois as notícias conectam experiências individuais e coletivas, situando os sujeitos em relação ao fluxo temporal da sociedade. Essa mediação se torna ainda mais complexa no ambiente digital, uma vez que o tempo e o espaço deixam de ser os principais conectores dos eventos narrados, resultando em um cenário fragmentado e marcado por uma incompletude constante.

Dialogando principalmente com a sociologia, o trabalho recorre à teoria da aceleração social de Hartmut Rosa (2019), ao conceito de tempo social (Elias, 1998), às reflexões sobre o tempo e o espaço (Santos, 1996; Harvey, 2012; Giddens, 1991) e questões voltadas para as temporalidades jornalísticas para constituir fundamentos para uma teoria social do tempo no jornalismo, questionando como as diferentes temporalidades do jornalismo podem se relacionar com as diferentes temporalidades sociais, compreendendo não só como ele se insere nas dinâmicas temporais contemporâneas mas como pode ressignificá-las.

Para acompanhar estes desdobramentos, adota-se a cartografia como abordagem principal. Inspirada em Deleuze e Guattari (1995) e Rolnik (2011), essa cartografia não impõe destino — permite ao pesquisador perambular, experimentar ramificações inesperadas e desenhar, no decorrer do percurso, trajetórias originais de sentido. Essa escolha visa acompanhar o percurso investigativo em sua multiplicidade de trajetos, permitindo ao pesquisador intervir no processo e reconfigurar continuamente a base conceitual.

Referências

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é filosofia?**. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992. 288 p.

ELIAS, N. **Sobre o tempo**. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. 165 p.

GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Ed. UNESP, 1991. 177 p.

HARVEY, D. **Condição Pós-Moderna**. 23. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012. 348 p.

KEIGHTLEY, E.; DOWNEY, J. The intermediate time of news consumption. **Journalism**, [S.l.], v. 19, ed. 1, p. 93-110, jan. 2018. DOI: <https://doi.org/10.1177/1464884916689155>. Acesso em: 19 abr. 2025.

RAMOS, D. O.; HOEWELL, G. R. Uma perspectiva histórica da temporalidade no jornalismo e formatos contemporâneos: não-lugares e descronicidade. **Revista Brasileira de História da Mídia**, São Paulo, v. 10, ed. 1, p. 357-374, jan./jul. 2021. DOI: <https://doi.org/10.26664/issn.2238-5126.1012021I0441>. Acesso em: 19 abr. 2025.

ROLNIK, S. **Cartografia sentimental**: Transformações contemporâneas do desejo. 2. ed. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2011. 247 p.

ROSA, H. **Aceleração**: A transformação das estruturas temporais na Modernidade. Tradução: Rafael H. Silveira. São Paulo: Editora Unesp, 2019. 681 p.

SANTOS, M. **Técnica, Espaço, Tempo**: Globalização e meio técnico-científico informacional. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1996. 190 p.

Jornalismo e trauma: efeitos da entrevista em vítimas de violência

Schirlei Alves · Mestrado

Orientador: Prof. Dr. Samuel Pantoja Lima
Linha de Pesquisa: Conhecimento e Profissão

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 0010

Palavras-chave: trauma; vítima; entrevista; reportagem; gênero.

Esta pesquisa investiga o impacto da entrevista jornalística na vida de mulheres vítimas de violência ou mães de vítimas, cujas histórias foram contadas em reportagens publicadas em veículos brasileiros, tradicionais e independentes, entre 2014 e 2024. O trabalho nasce da experiência profissional da autora como repórter, com quase 17 anos de atuação e centenas de entrevistas com pessoas que vivenciaram traumas relacionados a diversos tipos de violência, como doméstica, sexual, policial, urbana ou ligada ao tráfico de drogas.

O objetivo é entender os efeitos do contato do jornalista com a vítima, do processo da entrevista e da publicação da matéria na vida dessas mulheres, identificando possíveis consequências emocionais ou benefícios no enfrentamento do trauma. A pesquisa se baseia em entrevistas em profundidade com 15 mulheres cujas histórias de violência foram publicadas nas reportagens selecionadas. Serão considerados aspectos como a adequação do primeiro contato, o respeito e a sensibilidade durante a entrevista e os efeitos da publicação.

O estudo pretende destacar boas práticas jornalísticas para

evitar a revitimização, promover uma abordagem ética e sensível ao trauma, e contribuir com orientações para jornalistas sobre como lidar com histórias de violência de forma humanizada e responsável. A questão central é: como a prática da entrevista jornalística com mulheres vítimas de violência ou mães de vítimas pode, ou não, revitimizá-las? E em que medida o jornalismo pode contribuir para amenizar o sentimento de injustiça e a hostilidade vivida após a violência?

A autora optou por analisar entrevistas com mulheres vítimas ou mães de vítimas porque, como repórter, percebeu que elas costumam ser as principais fontes em coberturas traumáticas. A escolha destaca o gênero como categoria central, já que as mulheres estão mais expostas à violência e à revitimização e são frequentemente retratadas como figuras emocionais, o que exige atenção aos impactos dessa exposição.

Para responder a essas perguntas, será adotada uma abordagem qualitativa, com foco na experiência subjetiva das entrevistadas. A metodologia combina entrevistas em profundidade com análise de conteúdo, permitindo um mergulho nas memórias, percepções e efeitos do processo jornalístico na vida das participantes. O corpus é composto por 15 mulheres que foram fontes de reportagens em veículos como *The Intercept Brasil*, *Agência Pública*, *A Notícia*, *Zero Hora* e no livro-reportagem *Longe do Ninho*, de Daniela Arbex.

O referencial teórico inclui autores como Nilson Lage e Cremilda Medina, que discutem os fundamentos da entrevista jornalística e o papel da ética na mediação da informação. Lage defende precisão e respeito na escuta jornalística, enquanto Medina propõe um “diálogo possível”, com comunicação humanizada, em que o entrevistado é sujeito ativo da narrativa. Edgar Morin contribui com a noção de “neoconfissão” — entrevistas que se aproximam de sessões de terapia — e alerta para os riscos de interpretações rasas ou invasivas em casos traumáticos.

O conceito de trauma, central na pesquisa, é analisado com base nos estudos de Mark Brayne e do Dart Center for Journalism & Trauma, que alertam para os danos de coberturas insensíveis

e destacam a importância de formar jornalistas aptos a lidar tanto com o sofrimento alheio quanto com seu próprio impacto emocional. A pesquisa também recorre a Giorgio Agamben que, no livro *O que resta de Auschwitz*, reflete sobre os testemunhos de sobreviventes dos campos de concentração, enfatizando a necessidade de um entendimento profundo do trauma para compreender relatos de violência.

Ao longo do estudo, busca-se compreender como o jornalismo pode ser menos invasivo, mais empático e comprometido com os direitos humanos. Ao unir prática e reflexão acadêmica, a pesquisa pretende contribuir para a formação de repórteres mais conscientes e éticos, capazes de narrar histórias de dor com o cuidado necessário. Também aponta caminhos para um jornalismo que não apenas informe, mas que escute, respeite e proteja quem escolhe compartilhar suas experiências.

Referências

- AGAMBEN, G. **O que resta de Auschwitz**: o arquivo e a testemunha (Homo Sacer III). São Paulo: Boitempo, 2008.
- BRAYNE, M. Emoções, trauma e bom jornalismo. **Cadernos de Estudos Africanos**, v. 15, p. 31-46, 2008. Disponível em: <https://journals.openedition.org/cea/363>. Acesso em: 21 mar. 2024.
- HIGHT, J. SMYTH, F. **Tragedies & Journalists**: a guide for more effective coverage. [S.l.]: Dart Center for Journalism & Trauma, 2003. Disponível em: https://dartcenter.org/sites/default/files/en_tnj_0.pdf. Acesso em: 18 mar. 2024.
- LAGE, N. **A reportagem**: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- MEDINA, C. **Entrevista**: O diálogo possível. São Paulo: Ática, 1995.
- MORIN, E. **A Entrevista nas Ciências Sociais, no Rádio e na Televisão**. Rio de Janeiro: Record, 1997.

2

TECNOLOGIAS, LINGUAGENS E INOVAÇÃO

- Amazônia em rede: o uso de IA para a
informação ou a desinformação** 25
– Adana Lopes
- Cobertura da tragédia climática do RS
no TikTok: análise do G1, Folha e GZH** 28
– Lara Hinkel
- O jornalismo local nas rádios CBN Floripa e
Jovem Pan News após a migração AM-FM** 31
– Luiza Zanotti Moro
- Jornalismo, narrativas e plataformas: a
hibridização do canal DiaTV, no YouTube** 34
– Maria Clara Moura
- Jornalismo literário sonoro: uma análise
narrativa do Rádio Novelo Apresenta** 37
– Stefanie Machado

Amazônia em rede: o uso de IA para a informação ou a desinformação

Adana Lopes · Mestrado

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Cárilda Emerim
Linha de Pesquisa: Tecnologias, Linguagens e Inovação

O presente trabalho foi realizado com apoio do Programa de Ações Afirmativas (PAA) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 0010

Palavras-chave: jornalismo de telas; inteligência artificial; desinformação.

A partir do desenvolvimento de tecnologias em aparelhos portáteis e a adesão generalizada dos usuários, torna-se fundamental compreender e acompanhar essas mudanças, bem como suas implicações. No âmbito da difusão de conteúdo informativo, a transição das mídias tradicionais para as mídias digitais transformou a forma de recepção, de consumo e da propagação de conteúdo através da internet. Os recursos acessíveis e as ferramentas que atualmente auxiliam nessas produções, trouxeram desafios relacionados à disseminação de informação e, conseqüentemente, de desinformação. De acordo com Salaverría (2003), com o crescimento da internet, como uma nova plataforma, fez-se necessário uma reinvenção na forma de fazer jornalismo. Essa afirmativa se evidencia nas adaptações dos modelos tradicionais ao cenário demandado por informações em tempo real, interatividade e as novas práticas de produção jornalísticas.

Tendo em vista esse contexto de transformação impulsionado pelas tecnologias, este trabalho tem como objetivo geral compreender as potencialidades e especificidades do uso de

Inteligência Artificial (IA) no jornalismo para telas, a partir do conceito proposto por Emerim (2017), buscando observar as narrativas telejornalísticas contemporâneas distribuídas para diferentes plataformas. Assim como os conceitos de informação (Emerim, 2023) e desinformação (Unesco/ONU, 2019), e conceitos de IA a partir de Cruz e Santaella (2024), Lee (2019), entre outros autores. Sendo assim, a investigação será orientada pela análise de como a IA pode potencializar tanto a informação quanto a desinformação na produção de conteúdos telejornalísticos sobre a Amazônia, considerando sua circulação multiplataforma.

Partindo do pressuposto de que a IA ainda contribui pouco para potencializar a informação telejornalística sobre a Amazônia brasileira distribuída em plataformas, sendo mais utilizada como estratégia política e ideológica através das notícias que apresentam conteúdos que ajudam a promover a desinformação e o não desenvolvimento socioeconômico e cultural das comunidades, a pesquisa deve ser desenvolvida através da metodologia híbrida com intuito de buscar o melhor entendimento do assunto proposto partindo da semiótica discursiva.

Sendo assim, pressupõe-se o uso da semiótica discursiva articulada com preceitos do jornalismo de dados para investigar o texto telejornalístico que emprega a IA na sua produção. Conforme Emerim (2020, p. 46) o método “organizar os elementos constitutivos recorrentes nos produtos telejornalísticos a partir de uma gramática específica telejornalística para permitir sistematizar e operacionalizar o processo” de análise. A pesquisa deve embasar-se, ainda, em autores mais contemporâneos que permitam aplicar a semiótica discursiva voltada para as mídias. Pondera-se que o percurso metodológico está em plena fase de construção e será complementado conforme o desenvolvimento do estudo.

Referências

CRUZ, K. SANTAELLA, L. **Jornalismo e inteligência artificial podem caminhar juntos?** Barueri: Estação das Letras e Cores Editora, 2024.

EMERIM, C. (org). **Metodologias de Pesquisa em Telejornalismo: o jornalismo para telas.** I. ed. Florianópolis: Editora Insular. 2020.

EMERIM, C. Telejornalismo ou jornalismo para telas: a proposta de um campo de estudos. **Estudos de Jornalismo e Mídia.** v. 14, n. 2, 2017. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2017v14n2p113/35883>. Acesso em: 9 nov. 2024.

EMERIM, C. Ao final de tudo: informação. In: SILVA, J. M. et al. **Redes de pesquisa: comunicação em perspectiva.** Porto Alegre: Sulina, 2023.

LEE, K. F. **Inteligência artificial: como os robôs estão mudando o mundo, a forma como amamos, nos comunicamos e vivemos.** Rio de Janeiro: Globo Livros, 2019.

SALAVERRÍA, R. Convergencia de los medios. **Chasqui, Revista Latinoamericana de Comunicación,** n. 81, 2003.

UNESCO. **Jornalismo, Fake News & Desinformação: Manual para Educação e Treinamento em Jornalismo.** Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura: Brasília, 2019.

Cobertura da tragédia climática do RS no TikTok: análise do G1, Folha e GZH

Lara Hinkel · Mestrado

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Raquel Ritter Longhi
Linha de Pesquisa: Tecnologias, Linguagens e Inovação

Palavras-chave: TikTok; ciberjornalismo; plataformas de redes sociais; tragédias climáticas.

Em cenários de calamidade pública, o papel do Jornalismo demonstra-se ainda mais crucial e essencial para a disponibilização e acessibilidade de informação, especialmente em contextos marcados pela circulação de desinformação. Com a aceleração na propagação de notícias, por conta do advento das redes sociais, o Jornalismo vem desenvolvendo novas técnicas para se adaptar em meio a desafios como informações falsas, algoritmo e a busca pela audiência, principalmente da geração mais jovem. Como mostram os dados do relatório *Digital News Report* de 2024 (Reuters, 2024), as plataformas online são as principais fontes de informação (72%), superando os sites de notícias tradicionais (22%).

Com enfoque na rede social chinesa *TikTok*, este trabalho tem o objetivo de verificar quais os tipos de formatos, linguagens e conteúdos na plataforma relacionados à cobertura da tragédia das enchentes que devastaram o estado do Rio Grande do Sul, no ano de 2024. Esse cenário desafiador levanta questionamentos sobre a influência do jornalismo platformizado, contextualizado por Nielsen e Ganter (*apud* Mattos, 2021, p. 1) como um “fenômeno global que cria novas dependências de mercado e conteúdo na relação entre mídias jornalísticas e plataformas de redes sociais”.

Considerada a maior enchente que o estado do Rio Grande

do Sul já viveu, em apenas um mês, 172 pessoas tiveram suas vidas roubadas e mais de 629 mil perderam as casas, segundo a Defesa Civil. Um cenário de destruição, de calamidade pública e uma população inteira lutando para recomeçar trouxe comoção nacional e internacional.

Para discorrer sobre a questão do Jornalismo e das redes sociais, contextualizado em meio à tragédia, será feita uma revisão bibliográfica de temas como ciberjornalismo, plataformização, redes sociais e gêneros, formatos e linguagens no Jornalismo. Além da bibliografia, será utilizada a Análise de Conteúdo (Bardin, 2011), que envolve o texto verbal e o audiovisual, pretendendo explicitar de que modo os perfis consultados utilizam as possibilidades expressivas nativas da plataforma (Longhi, 2025) e os conceitos de ciberjornalismo para tratar sobre a tragédia climática do Rio Grande do Sul. Também será verificado que tipo de conteúdo é produzido, conforme tipologia da classificação proposta por Longhi (2025) para conteúdos jornalísticos na plataforma, especialmente os definidos pela autora como “Pequenas Histórias” e “Explanativo”.

Para uma maior precisão do exame proposto, o *corpus* da pesquisa contemplará um perfil nativo digital, um perfil de legado e um perfil de veículo local, definidos a partir de uma pesquisa exploratória na rede social, limitada a veículos brasileiros e apenas ao período de maio de 2024, mês em que foram intensificadas as chuvas no RS, assim como os olhares sobre a tragédia e a cobertura jornalística. Foram escolhidos os perfis de *TikTok* do *GI*, por ser um nativo digital, o da *Folha de S.Paulo*, por ser um dos maiores jornais em circulação do país, e o *GZH*, veículo tradicional no Rio Grande do Sul.

Referências

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

LONGHI, R. Tendências em formatos expressivos jornalísticos no TikTok. **Dispositiva**, Belo Horizonte, v. 14, n. 25, p. e33981, 2025. DOI: 10.5752/P.2237-9967.2025v14n25e33981. Disponível em <https://periodicos.pucminas.br/dispositiva/article/view/33981/23579>. Acesso em: 25 abr. 2025.

MATTOS, F. Plataformização das notícias e consumo de informação: tendências do jornalismo em um novo ambiente informacional. In: 19º ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 2021, Brasília. **Anais eletrônicos [...]**. Campinas, Galoá, 2021. Disponível em: <https://proceedings.science/encontros-sbpjor/sbpjor-2021/trabalhos/plataformizacao-da-noticias-e-consumo-de-informacao-tendencias-do-jornalismo-em?lang=pt-br>. Acesso em: 10 abr. 2025.

REUTERS INSTITUTE. **Digital News Report 2024**. Oxford: Reuters, 2024. Disponível em: <https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/digital-news-report/2024>. Acesso em: 10 abr. 2025.

O jornalismo local nas rádios CBN Floripa e Jovem Pan News após a migração AM-FM

Luiza Zanotti Moro · Doutorado

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Valci Regina Mousquer Zuculoto
Linha de Pesquisa: Tecnologias, Linguagens e Inovação

O presente trabalho foi realizado com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina (FAPESC)

Palavras-chave: radiojornalismo local; migração AM-FM; *all news*; Florianópolis.

O rádio possui especificidades intrínsecas que reforçam seu potencial para a veiculação de jornalismo local, sobretudo pós-migração do AM para o FM, estimulando o meio à readaptação e sobrevivência. Em 2013, o Ministério das Comunicações decretou a alteração do serviço de execução sonora em AM para FM, com prazo final em dezembro de 2023 (Brasil, 2013). Em 2024, o Ministério das Comunicações (2025) registrou 335 pedidos de migração, sendo que 128 foram concluídos. Em Santa Catarina, entre os seis pedidos, dois foram finalizados, já em Florianópolis, não há rádios a serem migradas (Ministério das Comunicações, 2025). Com a migração do *dial*, o cenário catarinense demonstrou a intensificação do potencial do rádio em desenvolver jornalismo, principalmente o local (Farias, 2020).

A partir desse panorama, esta pesquisa visa investigar se, e de que maneira, as rádios *all news* de Florianópolis, CBN Floripa e Jovem Pan News, praticam o jornalismo local, após a migração AM-FM. Os objetivos específicos são: a) levantar aspectos relacionados à troca de frequência no cenário contemporâneo em Santa Catarina; b) identificar programas com potencial de prática do jornalismo local na grade de programação de cada uma das emissoras estudadas; c) analisar a relação entre o jornalismo

produzido nos programas identificados e o local onde as rádios estão inseridas.

O objeto de estudo é a reconfiguração das práticas jornalísticas após a migração, considerando o contexto multimidiático. O objeto empírico desta pesquisa contempla, portanto, as programações das rádios *all news* locais CBN Floripa e Jovem Pan News. As emissoras estudadas definem seus modelos de programação como *all news*. O formato, desenvolvido em 1961 nos Estados Unidos, caracteriza-se por programação de transmissão exclusiva de notícias e foi implementado no Brasil a partir da década de 1980 (Zuculoto, 2012; Ferraretto, 2014).

Nesse contexto, é importante evidenciar o papel do radiojornalismo local¹, que tem a obrigação de contemplar os interesses voltados à população, no que diz respeito à vida econômica, social, cultural e política, além do que acontece em seu entorno e repercute na comunidade em que a rádio se localiza, tornando o papel dessas mídias insubstituível e diferenciado (Herreros, 2001; Comassetto, 2007). Como princípio da deontologia do jornalismo está o emprego do bem público, definido por Gomes (2009) como o direito dos consumidores em serem informados de assuntos do seu interesse.

Desse modo, a problemática que se desenvolve diz respeito ao tensionamento entre a produção do jornalismo local nas rádios *all news* de Florianópolis e o atendimento às demandas sociais. Diante disso, a pergunta que norteia esta pesquisa é: as rádios CBN Floripa e Jovem Pan News estruturam suas programações jornalísticas contemplando as necessidades de informação local da comunidade onde estão inseridas?

Para compreender o jornalismo local das rádios *all news* de Florianópolis após a migração, adota-se como procedimentos metodológicos a Triangulação Metodológica: Estudos de Casos Múltiplos; Análise de Cobertura Jornalística, adaptando o procedimento ao interesse radiojornalístico local (Zimmermann e Zuculoto, 2021); e, como técnica, Entrevistas Semiestruturadas e Abertas com os profissionais das rádios estudadas.

¹ Ao longo do trabalho, serão abordados e diferenciados os conceitos de jornalismo local, hiperlocal e de proximidade.

Referências

COMASSETTO, L. R. O rádio local e a informação global. *Jornalismo e Política, Estudos em Jornalismo e Mídia*, v. 3, n. 1, p. 79–89, jun. 2006. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/2244>. Acesso em: 11 abr. 2025.

FARIAS, K. W. **Do AM para o FM**: adaptações do radiojornalismo na migração de dial em Santa Catarina. 2020. 219 p. Tese (Doutorado em Jornalismo) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.

FERRARETTO, L. A. **Rádio**: Teoria e Prática. São Paulo: Summus, 2014.

GOMES, W. **Jornalismo, fatos e interesses**: ensaios de teoria do jornalismo. Florianópolis: Insular, 2009.

HERREROS, M. C. **La radio en la convergencia multimedia**. Barcelona: Gedisa, 2001.

MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES. **Migração AM/FM**, Brasil. Brasília, 2025. Disponível em: <https://app.powerbi.com/w?r=eyJrJoiZDIzNTc4M2UtYjYyMi00NjUxLTg5NmQtMzgwNjMzM0YTJkIiwidCI6ImExMTIwMGVklTnhYtctNDhMzY0M2UxLTcwYWU4ZmMxZWxYSj9>. Acesso em: 19 mar. 2025.

ZIMMERMANN, A.; ZUCULOTO, V. Análise do produto radiojornalístico: proposta de categorias e técnicas específicas de pesquisa. In: Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, 19, 2021, Brasília, DF. **Anais [...]**. Campinas: Galoá, 2021.

ZUCULOTO, V. **No ar**: a História da Notícia de Rádio no Brasil. Florianópolis: Insular, 2012.

Jornalismo, narrativas e plataformas: a hibridização do canal DiaTV no YouTube

Maria Clara Moura · Doutorado

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Fabiana Quatrin Piccinin
Linha de Pesquisa: Tecnologias, Linguagens e Inovação

O presente trabalho foi realizado com apoio do Programa de Ações Afirmativas (PAA) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.0

Palavras-chave: narrativa; infotainment; YouTube; DiaTV; jornalismo.

Os estudos sobre redes sociais e plataformas vêm crescendo e se diversificando devido a sua grande popularização (Andréa, 2020). Com a chegada de novas tecnologias, as plataformas se desenvolveram com foco na comunicação de muitos para muitos, além de ambientes participativos, centralizados nos seus utilizadores e altamente colaborativos (Van Dijck, 2013).

Para os autores Van Dijck, Poell e De Waal (2018), o poder de compartilhar conteúdos com qualquer pessoa e em qualquer lugar ofereceu uma ampla variedade de fontes de dados, e garantiu às plataformas ideias de como ajustar seus formatos de acordo com os gostos de seus utilizadores. Foi por meio desta relação com a interatividade que a participação dos usuários nos processos comunicacionais mudou ao longo do tempo (González, 2010).

Pensando nisso, o presente trabalho visa aferir como os conteúdos audiovisuais se comportam quando são produzidos e postos em circulação dentro de plataformas de *streaming*, como o YouTube. Para Silveira (2017), os novos meios de comunicação oferecem qualidades importantes para redefinir o consumo de informação na atualidade. Por isso, a pesquisa aqui apresentada tem como foco a *DiaTV*, iniciativa comandada pela Dia Estúdio

de produzir uma grade televisiva, 24 horas por dia, sete dias por semana. Ao vivo no *YouTube*, o canal conta com programas de humor, gastronomia, música, notícias, entre outros.

Visando atender às perguntas da pesquisa e os objetivos, a investigação contará com dois momentos específicos. De base qualitativa, a pesquisa será iniciada a partir da revisão de literatura que apontará as principais características do jornalismo, narrativas online e a construção das plataformas digitais. Além disso, serão elencados conceitos similares que basearão a pesquisa, como a plataformização, a cultura da conectividade, a comunicação em rede, os ecossistemas de mídia, a hibridização, as audiências e a interatividade.

Como segundo momento da pesquisa, será feita uma análise exploratória do objeto de estudo. Elencando categorias de análise, serão verificados temas, formatos e linguagens presentes no objeto de estudo. A pesquisa também se propõe a fazer uma observação participante do objeto de estudo, seguindo com entrevistas para averiguar o funcionamento e a construção da *DiaTV* como canal, dentro do *streaming* do *YouTube*.

Ao final da pesquisa, buscaremos uma resposta ao problema que guia o estudo e que investiga como se comportam os conteúdos audiovisuais dentro das plataformas online e como a narrativa jornalística embarca na tecnologia para alcançar diferentes audiências e conquistar mais interatividade entre seus usuários.

Referências

- ANDRÉA, C. F. B. **Pesquisando plataformas online: conceitos e métodos**. Salvador: EDUFBA, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/32043>. Acesso em: 29 abr. 2025.
- DIATV. **@DiaTV**. YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/@DiaTV>. Acesso em: 20 mar. 2024.
- GONZÁLEZ, M. A. C. La interactividad de las audiencias en entornos de convergencia digital. **Icono14**, v. 8, n. 1, p. 164-177, 2010. Disponível em: <https://icono14.net/ojs/index.php/icono14/issue/view/Vol%208%20%281%29>. Acesso em: 19 abr. 2025.
- SILVEIRA, S. C. **Conteúdo jornalístico para smartphones: o formato da narrativa sistêmica no jornalismo ubíquo**. 2017. 223 p. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo (ECA/USP), São Paulo, 2017.
- VAN DIJCK, J. **The culture of connectivity: A critical history of social media**. Nova Iorque: Oxford University Press, 2013.
- VAN DIJCK, J.; POELL, T.; DE WAAL, M. **The Platform Society: Public values in a connective world**. Londres: Oxford University Press, 2018.

Jornalismo literário sonoro: uma análise narrativa do Rádio Novelo Apresenta

Stefanie Machado · Mestrado

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Raquel Ritter Longhi
Linha de Pesquisa: Tecnologias, Linguagens e Inovação

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.0

Palavras-chave: jornalismo literário; podcast narrativo; mídia sonora.

Narrar é a maneira que os seres humanos encontraram de dar sentido à vida (Motta, 2013). Isso antes mesmo da invenção da escrita, uma vez que os relatos orais podem ser considerados a “primeira grande mídia da humanidade” (Pena, 2006, n.p). Nesse contexto, o Jornalismo Literário, tal como toda boa narrativa, valoriza a comunicação oral e a maneira como as pessoas se expressam, mais do que qualquer outra forma de jornalismo (Martinez, 2024). Os primeiros contadores de histórias e os jornalistas literários têm em comum, segundo Martinez (2024, p. 29), a capacidade de “tecer narrativas com símbolos, metáforas e imagens que são de fácil compreensão para todos”. Foi a invenção da escrita, e principalmente da prensa móvel, que possibilitou a evolução do jornalismo. Nenhuma dessas invenções foi capaz de tirar a importância da oralidade da prática jornalística, não somente na interação do profissional com as fontes, mas também frente às novas tecnologias midiáticas, como o rádio e a televisão (Pena, 2006).

Mais recentemente, o podcast provou-se capaz de desenvolver narrativas tão envolventes quanto os primeiros contadores de histórias ou os escritores realistas do século XIX. Para Kischinhevsky (2024, p. 135), “esse novo formato se manifesta

com características específicas, como o uso de trilha sonora para evocar sentimentos — afeto, medo, raiva - e sensações — suspense, alegria” e a linguagem “se aproxima da contação de histórias e também a atualiza”. Assim, Siobhán McHugh (2021, p. 121) nota que o podcast narrativo é o lugar onde o jornalismo literário digital pode “florescer”, no qual a estética do áudio se combina às técnicas narrativas, que carregam elementos do jornalismo literário, e atende à lógica de consumo sob demanda da era digital.

Embora o Jornalismo Literário seja um objeto de estudo consolidado, poucas pesquisas da área consideram a linguagem sonora. Isso porque o gênero é tradicionalmente associado às publicações impressas, ainda que possa ser encontrado em todas as mídias, como aponta Martinez (2024). Diante deste contexto, esta pesquisa tem como objetivo compreender como os elementos do Jornalismo Literário presentes no podcast *Rádio Novelo Apresenta*, nosso objeto empírico, podem colaborar para a proposição do que entendemos como “jornalismo literário sonoro”. Lançado em novembro de 2022, o *Rádio Novelo Apresenta* é um podcast semanal da *Rádio Novelo*, uma produtora independente com sede no Rio de Janeiro. A produção segue o estilo narrativo de *This American Life*, programa de rádio criado em 1995 nos Estados Unidos, com episódios independentes entre si e reportagens sobre temas de interesse humano separadas por atos.

Para atingir o objetivo, está sendo feita uma pesquisa exploratória e bibliográfica, a fim de mapear o estado da arte e construir a base teórica deste trabalho. A metodologia adotada para a análise empírica será a Análise Crítica da Narrativa proposta por Luiz Gonzaga Motta (2013) e adaptada para podcasts jornalísticos por Luana Viana (2023). A partir disso, espera-se contribuir com a reflexão sobre como os novos formatos de mídia sonora podem ressignificar e adaptar elementos do Jornalismo Literário, e ainda embasar a ideia de um jornalismo literário sonoro. Atualmente, a pesquisa encontra-se em fase de aprofundamento da fundamentação teórica e revisão sistemática.

Referências

KISCHINHEVSKY, M. **Cultura do Podcast:** reconfigurações do rádio expandido. Rio de Janeiro: Mauad X, 2024. 196 p.

MARTINEZ, M. **Jornalismo literário:** tradição e inovação. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2024. 456 p.

MCHUGH, S. The narrative podcast as digital literary journalism: Conceptualizing S-Town. **Literary Journalism Studies**, v. 13, n. 1-2, p. 101-130, jun./dez. 2021. Disponível em: https://ialjs.org/wp-content/uploads/2022/03/10-Essay-3_S-Town.pdf. Acesso em: 2 nov. 2024.

MOTTA, L. G. **Análise crítica da narrativa.** Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013. 254 p.

PENA, F. **Jornalismo literário.** São Paulo: Contexto, 2006. *E-book* Kindle.

RÁDIO NOVELO. **Conheça o novo podcast da Rádio Novelo**, 10 nov. 2022. Disponível em: <https://radionovelo.com.br/originais/apresenta/conheca-o-novo-podcast-da-radio-novelo/>. Acesso em: 29 fev. 2024.

VIANA, L. **Jornalismo narrativo em podcast:** imersividade, dramaturgia e narrativa autoral. 1. ed. Florianópolis: Editora Insular, 2023. *E-book*. 406 p.

3

CULTURA E SOCIEDADE

**Direitos Humanos e Jornalismo de Periferia:
narrativas para a transformação social** 41
– Joana Helena Kraemer

**Jornalismo e futebol em paradoxo: contradições
da pequena área da imprensa brasileira** 44
– Luiz Henrique Zart

**O fotojornalismo como testemunha na construção
narrativa da memória visual** 47
– Rubens Lopes

**A materialidade do discurso urbano: o jornalismo
lendo a cidade através do rap** 50
– Sebastião Clovis Brito do Nascimento Junior

Direitos Humanos e Jornalismo de Periferia: narrativas para a transformação social

Joana Helena Kraemer · Mestrado

Orientador: Prof. Dr. Jorge K. Ijuim

Linha de Pesquisa: Cultura e Sociedade

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.0

Palavras-chave: Jornalismo de Periferia; violência policial; direitos humanos; cidadania comunicativa.

Este estudo investiga como o jornalismo humanizado, praticado em comunidades periféricas brasileiras, contribui para a promoção dos direitos humanos e da cidadania comunicativa. A pesquisa tem como *corpus* 44 matérias dos veículos *Periferia em Movimento* e *Agência Mural*, publicadas entre 2013 e 2023, com foco na cobertura de violência policial. Parte-se da hipótese de que o jornalismo de periferia constitui um campo fértil para práticas comprometidas com a inclusão social e a transformação das dinâmicas de poder.

A metodologia combina pesquisa bibliográfica, análise crítica da narrativa e entrevistas semiestruturadas. A análise narrativa será conduzida conforme a teoria de Motta (2017), buscando identificar como as estratégias de enunciação reforçam perspectivas de direitos humanos e de mobilização cidadã. O estudo ancora-se também em referenciais como Genro Filho (1987), Ijuim (2012), Mata (2006) e Medina (1988), articulando conceitos de jornalismo humanizado, comunicação popular e cidadania comunicativa. As entrevistas visam captar percepções e práticas de jornalistas de periferia e membros de comunidades locais.

O aprofundamento teórico se ancora na concepção do jornalismo como forma singular de conhecimento social de Genro Filho (1987). Para o autor, o jornalismo de periferia opera no campo do “singular”, ao revelar a dimensão política dos acontecimentos cotidianos com perspectiva crítica e emancipada. Esse modelo rompe com a lógica informacional tradicional, superando a mediação entre fontes e público para assumir uma função de práxis: uma prática que articula denúncia, resistência e transformação social. A perspectiva de Cremilda Medina (1988) reforça a ideia de uma comunicação dialógica, na qual o jornalista atua como mediador cultural. Assim, o jornalismo de periferia é compreendido como forma de resistência epistemológica, desafiando o modelo hegemônico e reivindicando uma ética comunicacional baseada na escuta e no fortalecimento comunitário. A análise evidencia o potencial dessas práticas na construção da cidadania comunicativa e na ampliação dos direitos humanos.

A pesquisa busca colaborar para a reflexão sobre o jornalismo na democratização da comunicação, apontando caminhos para práticas mais éticas, inclusivas e comprometidas com os direitos humanos. Pretende evidenciar a potência das narrativas periféricas como catalisadoras de mudanças sociais e reafirmar o jornalismo como instrumento de emancipação.

Referências

GENRO FILHO, A. **O segredo da pirâmide**: para uma teoria marxista do jornalismo. Florianópolis: Editora Insular, 1987.

IJUIM, J. K. Humanização e desumanização no jornalismo: algumas saídas.

Revista Comunicação Midiática, Bauru (SP), v. 7, n. 2, p. 117-137, 2012.

Disponível em: <https://www2.faac.unesp.br/comunicacaomidiatica/index.php/CM/article/download/290/289>. Acesso em: 18 jan. 2025.

MATA, M. C. Comunicación y ciudadanía. Problemas teórico-políticos de su articulación. **Revista Fronteiras - Estudos midiáticos**, v. 8, n. 1, jan./abr.

2006. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/6113/3289>. Acesso em: 07 jan. 2025.

MEDINA, C. **Entrevista**: o diálogo possível. São Paulo: Ática, 1988.

MOTTA, L. G. Análise pragmática da narrativa: teoria da narrativa como teoria da ação comunicativa. In: PEIXINHO, A. T.; ARAÚJO, B (org.). **Narrativa e**

media: géneros, figuras e contextos. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2017. Disponível em: <https://ucdigitalis.uc.pt/pombalina/item/68942>.

Acesso em: 01 jan. 2025.

Jornalismo e futebol em paradoxo: contradições da pequena área da imprensa brasileira

Luiz Henrique Zart · Doutorado

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Daiane Bertasso Ribeiro

Linha de Pesquisa: Cultura e Sociedade

O presente trabalho foi realizado com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) - Código de Financiamento 001.0

Palavras-chave: Jornalismo esportivo; futebol; entrevista; análise de discurso.

O esporte mobiliza “estratégias discursivas singulares, impregnadas de sentidos, pois a cobertura é uma atividade simbólica”, com cada mídia orientando um ritual e uma agenda própria, ao criar, de um fato único, variados acontecimentos sociais (Borelli, 2001, p. 1). Da perspectiva brasileira, o futebol tem um papel particular: antes visto como atividade ingênua, desvenda facetas históricas, socioculturais, econômicas e políticas de nossa sociedade. Do ponto de vista jornalístico, este segmento não segue a estrutura tradicional: tem linguagem coloquial, natureza metafórica; usa jargões e termos específicos, elementos do comentário, com interpretação e valoração intercalados com os fatos (Siekiera, 2016).

Esta pesquisa pretende refletir sobre contradições do jornalismo esportivo, sobretudo o que trata de futebol, enquanto área menor, considerando a perspectiva que jornalistas esportivos brasileiros têm de si e do campo. Justifica-se pensar sobre transformações epistemológicas da prática jornalística esportiva, tratada também no campo acadêmico como “patinho feio” (Helal, 2021, p. 92), ou por um “olhar marginal” (Gastaldo, 2020, p. 400), percebida como “departamento de brinquedos” (Rowe, 2007, p. 389).

Nesse contexto, o problema de pesquisa é: de que forma o discurso de jornalistas esportivos brasileiros tensiona contradições do campo como uma área menor, *sui generis* ou *não-jornalística*? Interessa pensar as vulnerabilidades da prática deste segmento como sintoma de uma “ferida aberta”, um paradoxo: pertence ao campo jornalístico, mas é renegado; divide procedimentos, mas tem particularidades produtivas distantes das tradicionais; sofre críticas sobre a composição do seu discurso, mas serve como laboratório de testes para editorias consagradas.

Como objetivos específicos, pretende-se: a) identificar características e tensionamentos do campo e do discurso jornalístico esportivo no Brasil em relação a concepções tradicionais do jornalismo não-especializado; b) problematizar valores profissionais contestados e ressignificados pelo jornalismo esportivo, com práticas produtivas mais permissivas e porosas em relação à interpretação e à subjetividade dos profissionais; c) compreender, discursivamente, quais sentidos jornalistas esportivos que cobrem futebol estabelecem a partir da interpretação sobre a posição assumida por eles no campo jornalístico.

Esta pesquisa deve considerar a concepção de jornalismo enquanto uma prática discursiva (Charaudeau, 2016), na relação entre língua, discurso e ideologia. Pensa-se na identidade jornalística — em especial, a esportiva — constituída por uma cultura composta por uma série de valores de autoridade, um *ethos* como forma de ser/estar jornalista/no jornalismo. Desta perspectiva, a produção de sentidos empreendida pelo jornalismo ocorre pelo discurso — sobre os outros campos e sobre si. Pretende-se ter como objeto empírico entrevistas com cinco a dez jornalistas esportivos brasileiros de distintas regiões do país voltados ao futebol.

Propõe-se um percurso metodológico misto: primeiro, entrevistas em profundidade individuais, em formato semiaberto. O foco estará em profissionais escolhidos de forma não-probabilística e intencional (Duarte; Barros, 2011, p. 69), como artifício preparatório para uma Análise de Discurso

francesa (Orlandi, 2000). Com as entrevistas e a interpretação dos resultados sob esta perspectiva, pode-se revelar nuances do entendimento e do olhar dos sujeitos, jornalistas esportivos, a respeito da condição minorizada, adentrando (e pensando sobre) o paradoxo e as contradições desta (pequena) área da imprensa brasileira.

Referências

BORELLI, V. Cobertura midiática de acontecimentos esportivos: uma breve revisão de estudos. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 24., 2001, Campo Grande. **Anais [...] [S.l.]**: Intercom, 2001. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/69091043172603617173111127019307506949.pdf>. Acesso em: 23 ago. 2023.

CHARAUDEAU, P. Discurso Jornalístico e Posicionamentos Enunciativos: fronteiras e distanciamentos. **Parágrafo**, v. 4, n. 1, jan./jul., 2016.

DUARTE, J.; BARROS, A. (orgs). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2011.

GASTALDO, É. Futebol e estudos de comunicação no Brasil: caminhos e encruzilhadas de um campo indisciplinar. In: GIGLIO, S.; PRONI, M. (Orgs.). **O futebol nas ciências humanas no Brasil**. Campinas: Editora da Unicamp, 2020, p. 399-409.

HELAL, R. **Sobre futebol, esporte e cultura**. Curitiba: Appris, 2021.

ORLANDI, E. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2000.

ROWE, D. Sports journalism: Still the 'toy department' of the news media? **Journalism**, v. 8, n. 4, p. 385-405, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1464884907078657>. Acesso em: 09 out. 2023.

SIEKIERA, R. Reportorial or Essayistic Paradigm? – A Few Remarks about the Sports Report. **Acta Universitatis Lodziensis. Folia Litteraria Polonica**, v. 35, n. 5, p. 103-113, 2016. Disponível em: <https://czasopisma.uni.lodz.pl/polonica/article/view/1409>. Acesso em: 28 fev. 2024.

O fotojornalismo como testemunha na construção narrativa da memória visual

Rubens Lopes · Mestrado

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Flávia Guidotti
Linha de Pesquisa: Cultura e Sociedade

O presente trabalho foi realizado com apoio do Programa de Ações Afirmativas (PAA) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.0

Palavras-chave: Fotojornalismo; Jornalismo; narrativa; memória; fotografia.

Neste resumo, apresentamos uma proposta de pesquisa sobre o projeto *Testemunha Ocular*, do Instituto Moreira Sales (IMS), que visa investigar como a iniciativa do IMS contribui na construção da memória visual do fotojornalismo brasileiro. Buscando analisar como a imagem captada não pode prescindir da objetividade, que é o fato em si, ou a cena fotografada, mas, igualmente, tampouco pode fugir do olhar subjetivo do fotojornalista, que é quem recorta a realidade com base em sua bagagem histórica e conhecimento amalhado. Dessa forma, investigaremos em que medida, ao incluir fotojornalistas contemporâneos de diversos gêneros e de distintos lugares do país, o acervo contribui para a construção narrativa da memória visual da diversidade social, racial, de gêneros e geográfica do país.

O objetivo geral é compreender de que maneira o projeto *Testemunha Ocular* do Instituto Moreira Sales contribui para a construção narrativa da memória visual e fotojornalística da diversidade social, racial, de gênero e geográfica do país.

Os objetivos específicos são: identificar as potencialidades e limites do projeto *Testemunha Ocular* ao se propor mostrar a verdade factual; analisar a construção narrativa da memória visual e fotojornalística proposta pelo projeto *Testemunha Ocular*; e refletir sobre as contribuições do projeto *Testemunha Ocular* para a memória visual e fotojornalística da diversidade social, racial, de gênero e geográfica do país.

Acredita-se que a construção narrativa da memória visual e fotojornalística proposta pelo projeto cumpre, em boa medida, o objetivo a que se propõe: contribuir para a construção narrativa da memória visual da diversidade social, racial, de gênero e geográfica do país.

A partir dessas provocações, buscaremos responder à questão central do nosso trabalho que compõe nosso eixo geral: de que maneira o projeto *Testemunha Ocular* do Instituto Moreira Sales contribui para a construção narrativa da memória visual e fotojornalística da diversidade social, racial, de gênero e geográfica do país.

Para refletir sobre nosso tema, adotamos a análise crítica da narrativa proposta pelo pesquisador Luiz Gonzaga Motta (2013), compreendendo que o Fotojornalismo tem características singulares ao contar histórias com imagens. Motta analisa que:

A história do presente parte do pressuposto de que percebemos e construímos o sentido do presente como uma história do passado, como uma continuidade entre o que está acontecendo com o que acabou de acontecer. Como se o presente passasse ininterruptamente para o passado, de onde podemos perceber melhor o presente. Uma história imediata, que não para de se mover, negando-se à acomodação (Motta, 2013, p. 100).

Acredito que é nesse limiar que o(a) fotojornalista atua, nessa história do presente e que vai construindo um sentido do presente como uma história do passado, visto que o fato ocorreu no momento que foi registrado, mas somente na divulgação é que acontece essa continuidade entre o que está acontecendo com o que acabou de acontecer, nesse *continuum*.

Referências

INSTITUTO MOREIRA SALLES. **Testemunha ocular**. Rio de Janeiro: Instituto Moreira Salles, [s.d.]. Disponível em: <https://testemunhaocular.ims.com.br/>. Acesso em: 30 abr. 2025.

MOTTA, L. G. **Análise crítica da narrativa**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013. 254 p.

A materialidade do discurso urbano: o jornalismo lendo a cidade através do rap

Sebastião Clovis Brito do Nascimento Junior · Doutorado

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Daiane Bertasso
Linha de Pesquisa: Cultura e Sociedade

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.0

Palavras-chave: rap; espaço urbano; discurso urbano; discurso jornalístico.

Este trabalho busca compreender a forma com que linguagens distintas, como o rap, visto aqui como materialidade do discurso urbano (Orlandi, 2004), podem articular metáforas sobre a cidade que possibilitem uma leitura da urbe pelo discurso jornalístico, visto aqui como um discurso que assume papel mediador, mas que também se reveste — por meio do contrato comunicacional — de credibilidade e verdade, a fim de validar seus enunciados como revestidos de uma factualidade que é apreendida no real (Benetti, 2008; Charaudeau, 2006; 2016). Isto posto, pode-se ter em mente que estas três manifestações humanas: o rap, o jornalismo e a cidade, caracterizam-se por traduzir anseios humanos que, através da linguagem, permitem observar ideologias, histórias e possibilidades de futuro que não são estáticas.

Sendo assim, ao pensarmos de maneira mais abrangente, na possibilidade da música criar e explorar fissuras no espaço-tempo social e político, pode-se também imaginar que o rap, como um gênero musical que é consequência da tradução da diáspora africana em seus diversos contextos, possa oferecer às diferentes configurações do discurso jornalístico, alternativas

de linguagem e possibilidades de contextualização que se encontram no deslize de sentidos ofertado pelas manifestações artísticas (Billet, 2024; Moraes; Anjos, 2020; Orlandi, 2020). Tendo em mente que o próprio jornalismo estruturou seu discurso apoiado em linguagens artísticas variadas, com o jornalismo, na contemporaneidade, servindo de suporte para produções artísticas premiadas, portanto:

Abordar o trabalho noticioso como artístico e jornalístico amplia o campo do que os estudos e a educação em jornalismo poderiam incluir, com potencial adicional para avaliar o trabalho noticioso como prática artística num contexto inclusivo e parcialmente desocidentalizado, e mais especificamente em países onde o que conta como “jornalismo” é censurado ou controlado pelo Estado. Nessas circunstâncias, as artes desempenharam durante muito tempo um papel na distribuição de notícias como informação de registo público (Postema; Deuze, 2020, local 12, tradução nossa)

Stijn Postema e Mark Deuze (2020, local 12, tradução nossa), neste caso, propõem um *continuum* entre as artes e o jornalismo “para avançar na construção de pontes de vocabulário além do binarismo”, funcionando como um convite a uma exploração que não necessariamente negue a prática da objetividade jornalística, mas que possa, como se pretende desenvolver nesta pesquisa, compreender o espaço urbano como o local em que se manifestam diferentes causas e disputas humanas. E que uma readequação das divisões sociais constituintes do espaço da cidade pode (Park, 1979; Wirth, 1979), também, serem apreendidas por meio do rap, servindo assim como possível horizonte linguístico a um jornalismo em mutação, tendo na urbe, um dos objetos de observação e atuação mais longo.

Referências

- BENETTI, M. O jornalismo como gênero discursivo. **Galáxia**. São Paulo, n. 15, p. 13-28, jun. 2008. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/1492>. Acesso em: 22 abr. 2023.
- BILLET, A. **Abalar a cidade**: música, capitalismo, espaço e tempo. Tradução: Caio Silva do Carmo e Maria Luiza de Barros, São Paulo: sobinfluencia edições, 2024. 220 p.
- CHARAUDEAU, P. **Discurso das mídias**. Tradução: Angela M. S. Corrêa. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2006. 288 p.
- CHARAUDEAU, P. Discurso Jornalístico e Posicionamentos Enunciativos: fronteiras e distanciamentos. **Parágrafo**. Tradução: Gisely Hime. [S. l.], v. 4, n. 1, p. 3-15. jan./jul. 2016. Disponível em: <https://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/374>. Acesso em: 12 abr. 2025.
- MORAES, F; ANJOS, M. Arte-jornalismo: representação, subjetividade, contaminação. **Lumina**, Juiz de Fora, v. 14, n. 2, p. 39-54, mai./ago. 2020. DOI: <https://doi.org/10.34019/1981-4070.2020.v14.30099>. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/lumina/article/view/30099>. Acesso em: 27 abr. 2025.
- ORLANDI, E. P. **Cidade dos Sentidos**. Campinas: Pontes, 2004. 159 p.
- ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso**: Princípios e procedimentos. 13. ed. Campinas: Pontes, 2020. 98 p.
- PARK, R. E. A cidade: Sugestões para uma investigação do comportamento humano no meio urbano. Tradução: Sérgio Magalhães Santeiro. In: VELHO, O. G. **O Fenômeno Urbano**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979. 133 p.
- POSTEMA, S.; DEUZE, M. Artistic Journalism: Confluence in Forms, Values and Practices. **Journalism Studies**, v. 21, n. 10, p. 1305-1322, 2020. DOI: [10.1080/1461670x.2020.1745666](https://doi.org/10.1080/1461670x.2020.1745666). Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/1461670X.2020.1745666>. Acesso em: 20 abr. 2025.
- WIRTH, L. O Urbanismo como modo de vida. Tradução: Marina Corrêa Treuherz. In: VELHO, O. G. **O Fenômeno Urbano**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979. 133 p.

Caderno de
Resumos **2025**

ISSN 2526-1231

Data de publicação: 28 jul. 2025

Edições anteriores:

https://ppgjur.posgrad.ufsc.br/?page_id=2825



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM JORNALISMO

Universidade Federal de Santa Catarina

